

# DEMÊNCIA

## — Capítulo 1 —

Aos 63 anos, Olímpia Vieira era um osso duro de roer. Ninguém via necessidade de verbalizar esse facto. Era visível em cada um dos seus gestos, reflexos de uma vida de trabalho, de luta e de vitórias sobre as adversidades. Exibia a robustez do seu corpo enquanto carregava lenha para o fogão da loja, cântaros de água ou, apenas, ao deslocar-se, duas vezes por dia, aos currais. Alimentava o porco e as inúmeras galinhas com papas de pão, tomates amassados e fruta sem outro proveito. Curioso ter sido o seu ponto forte a denunciar a sua fraqueza.

Nesse final de tarde, António do Carmo, a esposa Salomé e o irmão Zé abriram o cadeado do curral de Olímpia, empurraram a porta com um gesto contido – de quem sabe que vai encontrar a morte – e deixaram o sol penetrar no interior. A quietude envolveu-os. Esperavam o cheiro de corpos de animais em decomposição, e encontraram, ao invés, o habitual cheiro fétido de um galinheiro a necessitar de limpeza, pelo que puderam entrar menos receosos.

Apesar de pessoas do campo, o coração apertou-se-lhes ante a extrema magreza do porco, que se lançou como que louco contra a tosca porta de madeira atrás da qual estava confinado. Observaram as duas tinas vazias de água e ração. Em seguida, foram espreitar as galinhas no pequeno pátio, descobrindo três delas mortas, em redor das quais as restantes saltitavam, em busca de alimento no chão. O vento de outubro arrastava qualquer semente que pudessem aproveitar e, sem o cuidado da proprietária, não teriam como sobreviver ao inverno. Os intrusos abriram a saca de milho e distribuíram-na pelas aves esfomeadas.

Salomé apressara-se, entretanto, a ir a casa, de onde regressou pouco depois com um balde de cascas de batata e tomate pisado, que serviu ao porco.

– A caixa dos pirolitos avariou – sentenciou Zé, posicionado entre o irmão e a cunhada, a testemunhar a sofreguidão com que o porco se lançara ao repasto.

Salomé, consternada, abanou a cabeça e fez um estalido com a língua:

– Mas ela tinha até mais juízo do que muitas novas. O que é que lhe deu agora?

\*\*\*

O estado de Olímpia não era evidente. Não exibia qualquer confusão mental, embora tudo aquilo que proferisse fosse, quase sempre, infundado. Sentada à porta de casa, a bordar gansos numa toalha de mesa, viu os vizinhos aproximarem-se, de ruga entre os olhos.

– Ora boas, dona Olímpia – cumprimentou António do Carmo, estudando-a como se esperasse que a senilidade da senhora transparecesse.

– Ora boas, minha gente. – Para além de estranhar a visita daquelas pessoas, cujas vidas eram demasiado ocupadas para se preocuparem em fazer companhia a velhas solitárias, em nada pareceu diferente.

Entreolharam-se as visitas, sem saber como colocar a questão. Foi Salomé quem, talvez devido ao seu tom maternal, decidiu iniciar a descrição do ocorrido:

– Chegámos agora do seu curral, dona Olímpia – começou, e Olímpia escutou com atenção, imobilizando a agulha e aprofundando a ruga entre as sobrancelhas. – E tinha por lá algumas galinhas mortas.

– Ai, não me diga que foram lobos!

Bastou aquele gemido da velha para que os três tivessem uma confirmação. Esperavam que dissesse que torcera um pé e que, por isso, não se podia deslocar até aos currais. Mas a vizinha limitava-se a não compreender que a causa da morte dos animais era a sua ausência.

– Há mais de uma semana que não vai ao curral, dona Olímpia. Não a temos visto por lá e os animais vão morrendo à fome.

– Que animais é que morreram à fome? Então eu não vou lá todos os dias? Já lá fui hoje e daqui a nada já lá vou de novo. – Olímpia expressava-se como se a injuriassem.

– Agora que caiu a noite é que lá ia, para partir um pé e ficar um mês de cama? – sibilou Zé, sem que Salomé o chamasse à razão.

De súbito, também ela pareceu impaciente, vindo-lhe à ideia a roupa que deixara estendida.

Olímpia prosseguia, irritada:

– Eu vou lá quando quiser, os animais são meus. Não tenho marido nem pai que me deem ordens.

Salomé acenou ao marido. Não valia a pena, estavam a enervar a pobre mulher.

– Quer que vá consigo amanhã ao curral, para a ajudar?

– Eu não preciso de ajuda nenhuma, nunca precisei. – Pondo-se de pé, a idosa pegou na toalha e nos utensílios para bordar e voltou-lhes as costas.

Ao fechar a porta atrás de si, ainda a ouviram tartamudear:

– Agora querem ver que estou maluca?

\*\*\*

Uma vez em casa, Salomé respirou fundo várias vezes, ao folhear a agenda telefónica. Sustentava-a no colo, conforme o polegar ia roçando os nomes que a compunham, procurando um em particular. Quando o encontrou, discou o código numérico e, pouco

depois, uma criança atendia do outro lado da linha. Teve o impulso de desligar, contudo, ganhou fôlego e perguntou:

– Estou a ligar para a Filomena Gomes? – Esperava ouvir a criança do outro lado dizer que era engano. Como o silêncio se prolongava, tentou: – A Letícia está?

– Mãe, é para ti – chamou a voz infantil, antes de regressar ao bocal: – Quem fala?

– Er... É uma vizinha da dona Olímpia.

A rapariguinha ainda parecia ter muito a perguntar, quando a mãe lhe tirou o telefone do ouvido:

– Estou? Quem fala? – indagou uma voz brusca do outro lado.

– É uma vizinha da sua sogra – anunciou Salomé, torcendo o lábio, porque conhecia a história daquela família e os rancores pelo meio. – É a Letícia?

A mulher do outro lado da linha, cuja voz lhe parecera bem mais áspera do que recordava, pareceu encher-se de coragem e dirigiu-se-lhe num tom autoritário:

– Sou, sim, o que foi?

– Bem, é que eu e o meu marido viemos agora da casa da sua sogra e...

*Morreu*, pensou Letícia.

– Achamos que ela não está nada bem – continuou Salomé.

– Está doente?

– Bem, é da velhice, sabe? Achamos que a Olímpia está meio, er... esquecida das coisas.

– *Hum* – soltou Letícia, de coração sobressaltado à mera lembrança do nome da sogra.

– Achamos que está a perder o juízo e que alguém devia vir vê-la. Pô-la num lar, sei lá – sugeriu, sem saber até que ponto o seu contacto seria tido em conta.

Era possível que aquela nora distante esquecesse o telefonema nos 15 minutos seguintes, e Olímpia, um dia destes, não chegaria

a ver o amanhecer, acabando morta e sozinha, como tantas vezes acontecia por aquelas bandas.

O silêncio do outro lado da linha era incomportável para Salomé, que o preencheu com relatos do episódio da ida aos currais e do que descobrira na manhã seguinte ao final de tarde em que visitara Olímpia. A idosa voltara a ignorar os animais. Sentada na sua cozinha, com a luz do meio-dia a empalidecer-lhe as mãos, que não paravam de se mover sobre o nome escrito a lápis na sua agenda – “irmã da Letícia Vieira”, em que “Vieira” surgia rasurado –, narrou-lhe o inquietante estado da vizinha, bem como o estilo de vida precário que ela levava nos tempos mais recentes.

Letícia ouvia em silêncio e, em alguns momentos, Salomé iria jurar que a outra não estava, de todo, a ouvir. Ainda assim, insistiu:

– Ela tem anotações por toda a casa, foi assustador. Aponta coisas como “telefonar à Judite a avisar que vou ao talho, a ver se ela me liga, se não aparecer”, ou “tomar tal comprimido a tais horas”, ou mesmo “fazer o almoço” e “tirar a dentadura antes de me deitar”. Todas com a data do dia em que as escreveu. – Respirou fundo e prosseguiu, parecendo entusiasmada por estar a narrar algo insólito. – Os primeiros papéis que encontrámos tinham grandes explicações, mas às vezes a letra era tão pequena que nem entendíamos o que dizia. Conforme os papéis iam sendo mais, e até na boleira havia notas, deixou de se explicar tanto. Agora, parece que escreve só “dar dose dupla animais amanhã”. – A voz quebrou-se-lhe de entusiasmo. – Tenho-os aqui, estou a ler-lhos. Só que os bilhetes, agora, estão cheios de erros, será que já não sabe escrever? Nem sei se as pessoas se podem esquecer disso, mas há doenças para tudo. Falei com ela, mas continua com o mesmo feitio de sempre, é tudo à maneira dela. Volta sempre ao mesmo, faz a mesma pergunta várias vezes e associa tudo a histórias antigas, algumas eu já conhecia, porque já me tinha contado, mas outras nunca ouvi. Só a tem a si, como sabe.

Salomé perguntava-se se fora tão exaustiva quanto o marido a acusava de ser.

– Eu sei – acabou por dizer a voz do outro lado. – Diga-me uma coisa; ela ainda vive sozinha?

– Pois, bem sabe que o único filho morreu.

Salomé ouvia a menina que atendera o telefone a implorar para “mandar beijinhos”. A nora de Olímpia parecia ignorar ambas, remetendo-as a um silêncio desconfortável.

– Sabe o que é mais esquisito? – atirou Salomé, visto que a viúva não respondia. Sentiu um arrepio na espinha ao formular: – Ela acha que o filho ainda está vivo.

## — Capítulo 2 —

Aproximava-se o Dia das Bruxas e, por esse motivo, a maioria das pessoas que passava na Rua Direita levava enormes abóboras nos braços. Iam sentar-se mais tarde à porta de casa, a talhá-las, esculpindo-lhes dentes pontiagudos com as facas de cozinha. Quando estivesse noite cerrada, as velas que haveriam de acender no seu interior reluziriam ao fundo dos becos, em torno do pelourinho e até no muro da igreja. A procissão faria o percurso do costume, e a santinha saíria da capela escoltada pelos fiéis e seguida pelas crianças nos seus fatos de domingo. Depois do jantar, os petizes organizavam-se em grupos e iam bater de porta em porta, pedindo “os santorinhos” que se podiam converter em doces ou moedas. A tradição era muito semelhante ao *Halloween* americano, e ninguém sabia explicar ao certo como fora enraizar-se ali.

Salomé estava atenta às horas. Sentara-se ao cimo das escadas de Olímpia, na companhia da idosa, há já algum tempo. Bordavam ritmicamente, mas chegava a hora de se separarem. Tê-lo-ia feito sem percalços, não fosse sentir a vizinha ficar hirta a seu lado. Seguiu-lhe o olhar e descobriu, ao fundo das escadas, e certamente trazidas pela única camioneta da tarde, três figuras de rostos erguidos para Olímpia.

Reconheceu Leticia sem dificuldade, pois vira-a amiúde por ali. Era uma loura, cujo rabo de cavalo escapava a um cachecol sem grande encanto. O olhar azul, ensombrado, fixava-se nas duas vizinhas que bordavam ao cimo das escadas de granito. Parecia contrariada, e vinha munida da pertinência que sempre lhe conhecera. Trazia duas rapariguinhas; a mais velha tinha cabelo escuro e olhar



perscrutador, enquanto a mais nova vinha ao colo da mãe, e o dourado do seu cabelo destacava-se da lã cinza dos casacos. Padecia de soneira ou timidez, porque parecia recusar-se a olhá-las.

Gelada, Olímpia pousou o bordado no colo e contemplou as três, com o lábio inferior de repente trémulo. Quando falou, Salomé olhou da mulher loura para Olímpia, que ainda não abrira a boca desde que começara a bordar:

– O que é que estás aqui a fazer?

Letícia hesitou. Foi nesse momento que Salomé se deu conta de que trazia uma mala. A filha mais velha também segurava uma mala de dimensões modestas.

Considerou que tinham vindo para ficar, pelo menos por alguns dias, e mordeu o lábio inferior ao de leve. Assim que chegasse a casa, pediria ao marido que omitisse de Ferreirós o facto de ter sido ela a chamar a degenerada e a respetiva prole.

\*\*\*

Olímpia recebeu as duas netas com um ar contrafeito, embora não se tivesse manifestado quando Letícia pediu a Luz que lhe fizesse companhia nas escadas. A criança sentou-se no degrau de granito logo abaixo da avó, tendo-a cumprimentado com um beijo seco no rosto. Tanto ela como a outra menina, que só agora demonstrava algum interesse no que se passava ao redor, vestiam longos casacos escuros, sapatos de inverno e *collants* coloridos. Salomé achou as meias despropositadas e uma clara afronta à memória do falecido.

Quando Letícia passou pela sogra e entrou na casa da idosa, sem sequer cumprimentar as convivas, Salomé pôs-se de pé e seguiu-a. Viu-a despir o casaco à criança mais pequena e aproximou-se com cautela:

– A dona Olímpia adorava aquele filho – comentou, inclinando o rosto para tentar perceber a reação de Letícia, mas a mulher

encontrava-se de cócoras, a despir a criança, e não pareceu interessada em responder-lhe.

Teimou:

– As meninas não usam luto?

– Porque deveriam usar? São crianças.

– Eu também era criança quando o meu pai morreu e...

– Queres dormir um bocadinho? – Letícia dirigia-se à filha, ignorando Salomé.

Viu-a pôr-se de pé, apostada em mal reparar na sua presença, levar a mão ao bolso do casaco e resgatar um maço de tabaco e um isqueiro. Acendeu um cigarro e levou-o aos lábios. A criança esfregava os olhos com os nós dos dedos, mas garantiu à mãe que não tinha sono.

Letícia puxou o fumo e libertou-o sobre o ombro, analisando o espaço em redor. Era uma pequena cozinha de campo, onde outrora uma família inteira ceava em torno do candeeiro a petróleo. Mal iluminada, mal arejada e com equipamento arcaico. Era um milagre que o fogão ainda funcionasse.

A vizinha de Olímpia observava a viúva com perplexidade, desejosa de dar palpites. Ouviu a recém-chegada articular:

– Nunca queres dormir, depois andas maldisposta a tarde toda, a arrelhar-me o juízo. Anda. – Baixou-se e pegou na filha.

A criança limitou-se a gemer e a encostar a cabeça no ombro da mãe. Meteram-se pelo corredor, e Salomé pousou a vista no pires onde ela largara o cigarro de modo displicente.

Diabos a levassem se diria aos outros que fora ela quem a chamara.

\*\*\*

Salomé já a considerava rude e invulgar enquanto, sentada numa cadeira de palha com forro às margaridas, observava o cigarro a consumir-se sem que a mulher regressasse. Letícia agia

como se a casa lhe pertencesse, e a mala, esquecida junto à entrada, pôs Salomé a magicar a respeito de quanto tempo se deixariam ficar.

Assim que a recém-chegada emergiu da escuridão do corredor, de olhar enublado e rabo de cavalo frouxo sobre o ombro, Salomé apressou-se a perguntar:

– Vão ficar para os Finados?

Letícia assentiu, procurando a mala com o olhar. Ao encontrá-la, puxou-a para junto da mesa e abriu-a, sob o escrutínio de Salomé, que se debatia por começar a debitar o que sabia acerca do estado de Olímpia. Foi começando, sem grande tato, esforçando-se por contar, ao mesmo tempo, o número de camisolas que a nora da sua vizinha resgatava da mala.

– Está a ver a porta daquele frigorífico? – Como Letícia dedicou uma olhadela insignificante ao eletrodoméstico, preferindo concentrar-se na tarefa de dobrar a roupa sobre o joelho, prosseguiu, contrariada: – Está cheio de notas. Parece que perdeu a noção das coisas.

Inclinou-se na cadeira, a fim de aproximar a cabeça de Letícia, em tom cúmplice. A mulher não foi ao seu encontro, e Salomé sibilou:

– Acha que isto é por causa da morte do filho?

Impassível, Letícia não deu mostras de ter escutado.

– É possível que seja – concluiu Salomé, ajeitando as mãos no colo.

A vizinha de Olímpia acalentava alguma esperança de que Letícia fosse um pouco mais faladora, do tipo que alimenta falatórios e sussurra intrigas. No mínimo, podia tentar justificar-se. Considerou-a de difícil conversação e desinteressada de tudo o que lhe pudesse contar.

– Mãe? – chamou a criança que ficara no exterior, apeando-se da porta. Salomé dirigiu um olhar furtivo a Letícia, estranhando o facto de a mulher não demonstrar qualquer emoção legível. Parecia nem ter ouvido a filha.

– Mãe?

– O que foi? – Acabou por responder.

– Posso entrar? Tenho sede.

– Ora, filha, não hás de poder entrar porquê? É a casa da tua avó. Se o teu pai não tivesse morrido, era a casa dele. A casa é tua! – Salomé riu-se.

Letícia olhou-a nos olhos pela primeira vez. Salomé sentiu-se uma criança em falta e torceu os dedos no colo, considerando aquela mulher perturbadora.

– Entra, Luz – autorizou a mãe, e a rapariguinha passou a porta e viu-se na cozinha da avó.

Vendo-a à luz do candeeiro que acabara de acender, Salomé registou a postura austera e discreta da menina, em tudo semelhante à da mãe. Todavia, o cabelo era mais escuro do que o de Letícia, e os olhos apresentavam um tom singular de verde.

– Olhem só, tem os olhos do pai – constatou Salomé, rindo para a criança.

A rapariguinha olhou-a, intrigada, e Salomé teve a percepção de que ansiava por se aproximar, mas a presença da mãe impedia-a de concretizar o seu impulso. Teria medo da mãe? Com certa contenção, perguntou-lhe se era verdade, se aqueles eram mesmo os olhos do seu pai.

– É verdade, sim, minha menina. Ora chega aqui – chamou, estendendo a mão para Luz. Esta fitou a mãe, para obter a permissão necessária, e, ante a ausência de proibição, deu alguns passos em direção a Salomé. – Olha-me estes olhos! Conheci o teu pai em criança, eram iguaizinhos, esses olhos.

Soltou a neta mais velha da dona Olímpia no preciso instante em que a idosa surgiu à ombreira da porta, bloqueando a luz que chegava do exterior.